

ESPECIFICIDADES E DILUIÇÕES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA, A EDUCAÇÃO INFANTIL E SUAS INTERFACES

MS. ANDRÉ DELAZARI TRISTÃO

Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina
Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina
Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade
Contemporânea (MEN/UFSC/CNPq)

Resumo | Este trabalho relata a experiência vivenciada pela Educação Física em uma instituição de Educação Infantil pertencente à Rede Municipal de Ensino de Florianópolis no ano de 2010, apontando a inserção desta disciplina na organização institucional, especialmente no que se refere à participação em projetos coletivos. Valendo-se desta descrição, proponho uma reflexão acerca das especificidades e diluições do trabalho dos/as professores/as de Educação Física que atuam com crianças de 0 a 5 anos, postulando, a partir da multivocalidade do corpo, uma educação na infância construída em complementaridade, que valoriza as especificidades e privilegia as diluições, onde não há mais espaços para as disputas hierárquicas e os corporativismos das formações.

Palavras-chave | Educação Física; Educação Infantil; Corpo.

INTRODUÇÃO

Este relato tem por objetivo apresentar alguns aspectos de uma proposta de organização do trabalho pedagógico da Educação Física desenvolvida durante o ano de 2010 numa instituição de Educação Infantil. A intenção é retratar como ocorreu sua inserção nos projetos coletivos (dia de interação e aniversário coletivo), suas dificuldades, para

então estabelecer uma reflexão acerca das diluições e especificidades da Educação Física.

Trato de algumas indagações que remetem à inserção deste profissional no âmbito do ensino de 0 a 5 anos, em especial da organização do tempo pedagógico, visto que possui um modelo de contratação diferenciado dos demais profissionais¹ que atuam nesta modalidade de ensino e atende diversas turmas, sendo professor/a de muitas crianças.

Tal experiência ocorreu em uma creche² situada em bairro de classe média que atendia crianças de 4 meses a 5 anos, divididas em cinco grupos³ durante os dois turnos, das 7:00h às 19:00h. Na época, atuava na instituição com admissão em caráter temporário e carga horária semanal de dez horas, ministrando aulas para dois grupos durante aproximadamente uma hora⁴, duas vezes por semana. Havia outra professora de Educação Física, contratada em caráter efetivo pela rede municipal, com carga horária semanal de vinte horas, atendendo três grupos, com aulas de 45 minutos, três vezes por semana. A inserção da Educação Física no contexto da unidade educativa compreendia, além das aulas, a participação em projetos coletivos.

1. A jornada de trabalho dos professores de Educação Física na Educação Infantil é composta de hora-aula e hora-atividade. Do total de horas semanais, 30% são de hora-atividade e 70% de hora-aula. Para os profissionais da Pedagogia esta distribuição é diferenciada, os 30% da hora-atividade são remunerados e cumpridos em sala, enquanto para a Educação Física a hora-atividade é cumprida em atividades formativas, planejamento e avaliações, sem o atendimento direto com as crianças.
2. A creche dispunha de 5 salas com banheiro para atendimento aos grupos, uma cozinha, uma dispensa, uma sala da direção, uma sala dos professores, um banheiro, um amplo salão coberto, uma sala para guardar materiais pedagógicos e os materiais da Educação Física, e um parque.
3. Grupos da unidade educativa: G1 (4 a 11 meses), G2 (1 a 2 anos), G3 (2 a 3 anos), G4 (3 a 4 anos), G5 (4 a 5 anos).
4. O tempo previsto no planejamento mais amplo da Educação Física era de uma hora com cada grupo. Cabe ressaltar que este tempo variou durante o processo, por diferentes motivos: em função das crianças, das atividades, da organização do material e do espaço, do número de adultos presentes.

PROJETOS COLETIVOS

Os projetos coletivos efetivados no ano de 2010 foram desenvolvidos e discutidos nas duas primeiras reuniões pedagógicas, contando com a presença do corpo docente e direção, das profissionais da limpeza e cozinha. Na primeira foram apresentadas as ideias e propostas, na segunda concluímos os encaminhamentos necessários.

Nesta segunda reunião foram encaminhados os projetos: “dia de interação” e “aniversário coletivo”, estabelecendo a periodicidade e os “deveres” e “fazeres” de cada profissional.

ANIVERSÁRIO COLETIVO

O projeto denominado “Aniversário coletivo” envolvia todos os profissionais da unidade e era realizado na última sexta-feira de cada mês, nos dois turnos, quando celebrávamos o aniversário das crianças nascidas no respectivo mês. A incumbência de organizar a atividade era sempre das professoras e auxiliares de sala que desenvolviam atividades com as crianças para pensarem e produzirem a decoração temática. Normalmente, os grupos trabalhavam temas atrelados aos projetos desenvolvidos em sala, de modo a expor as produções pelos corredores e refeitório da unidade.

Cada mês um grupo ficava responsável pela atividade, propondo um tema, preparando a decoração e inventando uma peça de teatro. Nos dias do projeto, as professoras e auxiliares preparavam o cenário no fundo de um amplo salão coberto, utilizando os diversos materiais que dispúnhamos na creche, como: bolas, tecidos, tintas, perucas, fantasias, colchões, tapetes, etc. Com o cenário pronto e os personagens devidamente caracterizados, todas as crianças reuniam-se neste salão, com os menores sentados à frente em tapetes no chão, as demais em cadeiras.

Os teatros eram geralmente curtos, não ultrapassavam vinte minutos, mas a preparação do cenário e das fantasias ocupava as professoras e auxiliares por algumas horas. Apesar da brevidade, geravam muita ansiedade e tensão nas crianças, o choro de algumas em contraste com a

ânsia de participar de outras, ficava evidente. Optamos por sempre descaracterizar os personagens na frente delas para que pudessem brincar com as fantasias, já que esses momentos eram sucedidos de música e dança.

Algumas peculiaridades caracterizavam minha inserção neste projeto e estão relacionadas a duas questões bem distintas. A primeira é de gênero. Como único representante do sexo masculino na instituição, era solicitado para interpretar todos os personagens masculinos: homem, lobo-mau, tigre, leão. Quando havia mais de um personagem masculino, uma professora dramatizava. Devo destacar que, por vezes, fiquei com a impressão de que ser homem era mais importante do que ser professor de Educação Física para a materialização desta proposta pedagógica. A segunda refere-se à vaga de professor de Educação Física com dez horas semanais, sendo que este tempo era insuficiente para estar a par da organização das festas e teatros. Normalmente, tinha contato com as histórias e personagens das dramatizações minutos antes de começarmos as peças, pouco pude contribuir para além da interpretação. De qualquer maneira, fiquei com a sensação de que a Educação Física deveria ter se inserido de outra forma neste projeto, talvez, ajudando a pensar as histórias, personagens, falas, fantasias, cenários, de modo a contribuir com o conhecimento oriundo da Educação Física. Esta contribuição poderia se efetivar na proposição de temáticas relacionadas à cultura corporal (os esportes, as lutas, a arte circense, a dança, a Ginástica, o Boi-de-mamão⁵, os jogos, brincadeiras populares etc), na organização de teatros interativos, na confecção em conjunto com as crianças, professoras e auxiliares, de materiais e brinquedos que poderiam ser utilizados nas aulas de Educação Física e serem expostos na decoração das festas, na relação de brincadeiras feitas na Educação Física com as peças de teatro, dentre outras possibilidades.

5. O folguedo (brincadeira que apresenta uma dramatização) do Boi-de-mamão é uma das manifestações mais significativas da cultura popular catarinense. Ela é uma brincadeira praticada em diversos locais do país, e conforme a região adquire características e nomes distintos: Boi-Bumbá, Bumba meu Boi, Boi-pintadinho, Boi-Matraca. Aqui no sul, ele é conhecido como Boi-de-Mamão.

Sayão (2004, p.30) alertava-nos sobre as dificuldades de construir um trabalho de qualidade em função deste modelo de contratação temporária⁶, em suas palavras:

[...] é notório que a rotatividade de professores/as de Educação Física nas unidades dificulta e, em alguns casos, impede que um trabalho de mais qualidade seja implementado. Diretoras e supervisoras evidenciam o problema da rotatividade de professores/as contratados que, muitas vezes, chegam em seus locais de trabalho sem a formação adequada para atuarem com as crianças pequenas. Tanto a Secretaria de Educação quanto algumas unidades oferecem a formação em serviço. No entanto, após um tempo na unidade e quando esse/a profissional começa a se integrar mais à proposta da Pedagogia da Educação Infantil, precisa sair da Unidade e o processo começa novamente.

Além do problema concernente à continuidade da proposta pedagógica construída pela unidade, que certamente é a questão central das contratações temporárias, destaco ainda a dificuldade relacionada à contratação de professores de Educação Física para atuarem na Educação Infantil com carga horária semanal de dez horas, o que impossibilita a articulação com os outros profissionais. A portaria 036/07 que estabelece os critérios de distribuição de vagas para os cargos integrantes dos grupos docente e especialistas em assuntos educacionais do quadro do magistério nas unidades educativas, prevê que

[...] a Educação Física na Educação Infantil deverá contemplar 3 (três) aulas semanais de 45 (quarenta e cinco) minutos por turma. [...] a Educação Física na Educação Infantil deverá estar de acordo com o Projeto Político Pedagógico de cada unidade educativa, permitindo formas diferenciadas de organização dos dias, tempo e atividades, considerando-se a especificidade da faixa etária, bem como os princípios pedagógicos para a Educação Infantil na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis” (portaria 036/07, PMF, 2007).

6. No município de Florianópolis, os/as professores/as de Educação Física que atuam na Educação Básica em caráter temporário assinam contrato de, no máximo, um ano letivo. Este modelo de contratação parece ser um empecilho para as articulações e complementaridade pedagógica que se pretende entre a Educação Física e a Pedagogia na educação de 0 a 5 anos. Ver Sayão (1999, 2002, 2004)

A portaria supracitada evidencia-nos um paradoxo. Por um lado, ela indica que a Educação Física deve considerar as diretrizes⁷ municipais para a Educação Infantil que privilegia a experiência com as crianças e a interdisciplinaridade dos conhecimentos, de outro, a política de contratação em caráter temporário adotada pelos órgãos diretivos municipais, com vagas de dez, vinte, trinta e quarenta horas semanais, parece ser incongruente com a proposta municipal. Penso que dez horas semanais são insuficientes para a articulação das propostas pedagógicas e acaba por afastar a Educação Física do cotidiano da instituição, prejudicando assim, a compreensão de que esta disciplina faz parte da totalidade do trabalho pedagógico realizado pela unidade educativa, e em contraposição a isto, aparece como um mero prestador de serviço no âmbito da Educação Infantil.

DIA DE INTERAÇÃO

O “dia de interação” também acontecia mensalmente, durante duas horas em cada turno e consistia, basicamente, em organizar distintas “oficinas”. Cada grupo ficava responsável por organizar uma e o planejamento das oficinas era feito pelas professoras e auxiliares de sala, de modo que socializavam, tanto no cotidiano como nas reuniões pedagógicas, as oficinas que pretendiam desenvolver. Em conjunto com a outra professora, organizávamos uma oficina da Educação Física, a “oficina do movimento”⁸, a única permanente neste projeto, já que aquelas pensadas pelas profissionais de sala variavam todos os meses.

As atividades que organizávamos ocupavam o amplo salão coberto e geralmente tinham como conteúdo a Ginástica. Elaborávamos

7. ROCHA, E. A. C. Diretrizes Educacionais-Pedagógicas para a Educação Infantil. Florianópolis. Secretaria Municipal de Educação. Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação da Pequena Infância. Florianópolis, 2010.

8. Nome dado por mim e pela outra professora de Educação Física da unidade para a proposta de trabalho da Educação Física no projeto coletivo “dia de interação”. Planejávamos e organizávamos em conjunto esta proposta.

atividades de baixa complexidade, mais fluidas, que as crianças pudessem se divertir e experimentar brincadeiras com o corpo de distintas maneiras. Valíamos-nos de uma organização bem elaborada do espaço e dos materiais⁹, utilizando colchões em abundância, possibilitando saltos, rolamentos e equilíbrios.

Como as diferentes oficinas aconteciam simultaneamente, as crianças escolhiam aquela que lhes agradava, podendo mudar quando desejassem, com exceção das do grupo 1 (G1) que permaneciam e transitavam juntas. Dentre as oficinas desenvolvidas no ano pelas professoras e auxiliares de sala, podemos citar: pintura, maquiagem, desenho, costura, culinária, confecção de brinquedos, fantasias, música, teatro, etc.

Nestes dias também eram servidas refeições especiais¹⁰, incentivando uma experiência com a alimentação diferenciada daquela rotineira, explorando outros espaços da instituição, principalmente o parque¹¹, que dispunha de uma área ampla, luminosa e com sombra.

Tivemos dificuldade no início deste projeto, especialmente na oficina organizada pela Educação Física, o que gerou uma readequação da proposta. O problema consistia em que muitas crianças queriam ficar apenas na “oficina do movimento”, acumulando infantes de diferentes idades num espaço pensado para favorecer o movimento. Como resultado, num primeiro momento, algumas machucadas por chocarem-se enquanto corriam e outras privadas de participar pela astúcia e força dos mais fortes e velhos. As investidas para conter a ânsia de se movimentar em detrimento da participação coletiva foram ineficazes, passamos

9. Dentre os materiais que utilizávamos podemos elencar: colchões, cordas, bambolês, bancos, cadeiras, mesas, barbante e tecidos.

10. Dentre as refeições especiais podemos citar: churrasco de lingüiça e espetinho, bolos, doces e tortas salgadas, marshmallow, sorvete, salada de frutas e sucos, sanduíches, cachorro quente, etc.

11. Na época, o parque da creche dispunha de seis balanços, duas gangorras e uma casinha de madeira suspensa com escorregador e escada. Havia uma ameixeira grande, o chão era de areia e o parque tinha ligação com três salas, o amplo salão coberto, a lavanderia e a cozinha.

então a controlar o número de crianças nesta oficina¹². Este mecanismo possibilitou-nos dar maior atenção às crianças e uma participação mais efetiva de todos os interessados.

DILUIÇÕES E ESPECIFICIDADES DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: OS PROJETOS COLETIVOS COMO EXEMPLO

Neste relato, que trata especificamente de dois projetos coletivos de uma unidade de Educação Infantil e a inserção da Educação Física nestes, penso estar presente alguns elementos que indiquem as diluições e especificidades da Educação Física, constituindo, portanto, o trabalho docente deste profissional nesta modalidade de ensino.

Os projetos coletivos já descritos nos mostram como é possível abordar questões que permeiam o trabalho da Educação Física neste ambiente sem tratar especificamente das aulas. Esta é uma peculiaridade da Educação Física na Educação Infantil, os saberes compartimentados pela ciência ainda se encontram em formação na criança e de forma imbricada, isto é, as crianças se apropriam do conhecimento através das múltiplas relações que estabelecem com os pares, adultos, brinquedos, e estas experiências abarcam diversos saberes. O conhecimento da Educação Física coloca-se como um dos atuantes neste contexto, onde o processo de educação do corpo pode ser entendido pela soma das mais variadas experiências infantis. O corpo não é propriedade exclusiva da Educação Física, ele é o elemento que perpassa todas as propostas e ações pedagógicas, por isso, a importância de pensar a Educação Física e a Pedagogia como complementares.

Neste sentido, podemos fazer uma defesa pelas diluições e especificidades da Educação Física na Educação Infantil, uma defesa pela

12. O controle do número de crianças nesta oficina era feito por uma professora de sala que ficava na porta do salão dialogando conosco sobre a quantidade que deveria entrar. A quantidade variava de acordo com o tamanho das crianças e as atividades pensadas. Não havia um controle por faixa etária, possibilitando assim, que crianças de diferentes grupos brincassem juntas. O tempo que cada criança permanecia nesta oficina não era controlado, quando percebíamos que havia outras esperando para brincar, tentávamos fazer com que a rotatividade fosse maior.

diversidade, pela multivocalidade do corpo. Isto significa entender que o corpo constitui-se de múltiplas “vozes” que se expressa de maneiras distintas em espaços e tempos diferentes, por isso, faz-se necessário ampliar este horizonte e romper as crenças que o cerceiam nas instituições educacionais de atendimento à infância. Considerar a multivocalidade do corpo como eixo central na educação das crianças exige que concebamos a descoberta do novo e diferente, do fácil e difícil, do prazer e do medo, das aventuras e limites, experiências que transcendem as especificidades da Pedagogia e da Educação Física e constituem um campo de interface, construído em complementaridade.

Pensar um trabalho pedagógico voltado para a criança e vinculado às suas demandas requer que a unidade de ensino se articule nas propostas pedagógicas, que os profissionais das diferentes áreas possam usufruir de momentos que privilegiem o planejamento e reflexão coletiva. Não se trata de romper com os saberes e conteúdos clássicos da Educação Física, ou que esta seja suplantada pela Pedagogia nas propostas coletivas, ao contrário, trata-se de reafirmar as especificidades dos conhecimentos como relevantes na educação do corpo.

Ao tratar da educação do corpo e o papel desempenhado pela Educação Física neste processo, Vaz (2002, p.8) argumenta que

[...] ela (a Educação Física) reúne apenas uma parte, seguramente importante, das *técnicas corporais* e dos *cuidados com o corpo* em ambientes educacionais. Essas técnicas e cuidados estão presentes em muitos outros momentos do cotidiano escolar, dos hábitos de higiene aos alimentares, dos imperativos disciplinares aos castigos, do espelho de classe aos preconceitos, dos ideais de beleza aos interditos de gênero.

A defesa pela diluição não significa, portanto, a negação da especificidade, mas enaltece a valorização das especificidades como complementares na educação das crianças, importantes no trato, uso, técnicas e cuidados com o corpo. Como estão colocados atualmente, parecem antagonizar o trabalho docente e limitam nossa compreensão acerca do papel dos/as professores/as de Educação Física que atuam na Educação Infantil. As fronteiras que as delimitam são tênues, até certo ponto inexploradas, o que dificulta chegarmos a um consenso, trinta anos passados

desde sua inserção na primeira etapa da educação básica no município de Florianópolis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se estivermos de acordo que um dos sentidos da Educação Física estar presente na Educação Infantil é a ampliação do repertório corporal de movimentos, ao menos estamos cientes de parte de sua importância na educação das crianças. Quando pensada em complementaridade com o conjunto de ações pedagógicas realizadas na instituição, as práticas corporais de movimento são enriquecedoras dos processos de socialização infantil, “já que o corpo não é, de forma alguma, um tema que possa se tornar exclusivo de uma área de conhecimento” (VAZ, 2002, p.10).

Os distintos espaços, tempos e personagens da educação na primeira infância marcam no corpo infantil suas cicatrizes, experiências mais comoventes, alegrias e tristezas, autonomia e submissão, em outras palavras, a criança vai construindo e constituindo uma história a partir de suas múltiplas interações sociais. O relato sobre os projetos coletivos nos fornece um exemplo de organização institucional que vislumbrava a contemplação das múltiplas relações da criança a partir da integração dos saberes e profissionais, não se esquecendo de atentar para as dificuldades que se colocaram como empecilhos.

Cabe destacar que na Educação Infantil, propostas coletivas, a socialização dos projetos de trabalho, a inserção na rotina institucional, a participação dos/as professores/as de Educação Física nos projetos de sala e o oposto, não devem ser interpretados como hierarquizações dos conhecimentos, práticas e saberes, mas trata-se de reafirmar as especificidades e buscar a articulação do trabalho pedagógico da instituição nas propostas, momentos, espaços e tempos em comum.

A educação do corpo deve ser pensada em conjunto, a criança não é criança-movimento nas aulas de Educação Física e criança-atividade orientada em sala, ela é a mesma, uma só, o que mudam são os conhecimentos, espaços, práticas e saberes presentes nas experiências infantis.

Conceber e reconhecer que o processo educacional, em especial na Educação Infantil, desenvolve-se em função das crianças e de suas demandas, e que o corpo infantil ocupa um lugar central neste processo, portanto, carente de cuidados e experiências diversas e complementares, poderia ser um caminho para superarmos as fragmentações e distâncias que resistem nas entranhas do trabalho cotidiano dos/as professores/as de Educação Física e pedagogas.

REFERÊNCIAS

FLORIANÓPOLIS. Secretaria Municipal de Educação. Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos Pedagógicos em Educação Física. Diretrizes Curriculares para a Educação Física no ensino fundamental e na Educação Infantil da Rede Municipal de Florianópolis / SC. Florianópolis, 1996.

FLORIANÓPOLIS. Secretaria Municipal de Educação. Portaria 036/07. Florianópolis, 2007.

ROCHA, E. A. C. Diretrizes Educacionais-Pedagógicas para a Educação Infantil. Florianópolis. Secretaria Municipal de Educação. Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação da Pequena Infância. Florianópolis, 2010.

SAYÃO, D.T. Educação Física e educação infantil: riscos, conflitos e controvérsias. In: Motrivivência, Florianópolis, ano XI, n. 13, p.221-238. Nov. 1999.

_____. O fazer pedagógico do/a professor/a de educação física na educação infantil. In: Formação em Serviço: Partilhando saberes, vislumbrando novas perspectivas. Secretaria Municipal de Educação/SME. Divisão de Educação Infantil. Prefeitura Municipal de Florianópolis/PMF. Florianópolis, 2004.

_____. Corpo e movimento: notas para problematizar algumas questões relacionadas à educação infantil e à educação física. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v.23, n.2 p. 55-57. Jan. 2002.

VAZ, A. F. Aspectos, contradições e mal-entendidos da educação do corpo e a infância. In: Motrivivência, Florianópolis, v. XIII, n. 19, p. 7-11, 2002.

Recebido: 16 setembro 2011
Aprovado: 12 março 2013
Endereço para correspondência:
André Delazari Tristão
Servidão Coruja Dourada, 1001
Campeche
Florianópolis - SC
CEP: 88066-035
andre.tristao@udesc.br